



## MARCADORES DISCURSIVOS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA PARA A SALA DE AULA

Igor Araújo Dantas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: Igor.dantas09@gmail.com

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: valerianivasousa@gmail.com

Warley José Campos Rocha

Instituto Federal de Rondônia – IFRO (Brasil)

Endereço Eletrônico: Warley.rocha@ifro.edu.br

1739

### INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos (MDs) caracterizam-se como um grupo de palavras que possui muita produtividade na língua em uso. O uso desse grupo no vernáculo contribui significativamente para explicitações de significações até então implícitas, conforme defende Penhavel (2012), facilitando o processo discursivo e evitando, inclusive, falhas na comunicação.

Desde a primeira metade do século passado, observam-se relatos de estudiosos da língua sobre esse tema. Said Ali (1930), ao referir-se às “expressões de situações”, destaca que os falantes as empregam espontaneamente e em determinadas condições. E acrescenta, a esse respeito, que o uso de tais expressões não é desnecessário, uma vez que, ao tentar eliminá-las, as proposições se tornam mais falhas, vagas e distante do intuito inicial que o falante tinha em mente.

Todavia, apesar da produtividade dos MDs na língua em uso e na diversidade de estudos sobre o tema (Cf. MARCUSHI (1983), RISSO SILVA e URBANO (2006), GUERRA (2007), SAMBRANNA (2017)), os MDs são vistos como elementos a serem evitados em instâncias em que seu uso é corrente e aceito pelos próprios falantes da língua. Isso se deve, como pontua Freitag (2007), por não existir nas normas prescritivas, menções significativas sobre os MDs e sobre o seu reconhecimento enquanto um grupo de palavras, sob o ponto de vista gramatical.

A partir do que foi exposto, objetivamo-nos, nesta pesquisa, a partir de dados colhidos dos *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e da observação da produtividade do fenômeno analisado, apresentar intervenções didáticas, voltadas à abordagem dos MDs,

Realização:



Apoio:





para o ensino de Língua Portuguesa. Este trabalho, que faz parte de um projeto maior que está em andamento, justifica-se pelo entendimento que o sujeito se constitui na e pela linguagem (BAKHTIN, 1990). Logo, a compreensão dos marcadores discursivos enquanto grupo de palavras fundamentais e produtivos no processo discursivo, bem como a possibilidade de compreender os diferentes usos dos MDs e o emprego adequado nas diferentes situações comunicativas, aproximando a sistematização teórica do uso regular que os falantes realizam, possibilitará ao falante, enquanto ser social capaz de realizar produções discursivas, maior segurança em suas realizações interativas.

Ainda, com esta pesquisa, esperamos contribuir cientificamente e incentivar os profissionais docentes atuantes na educação básica a discutir temas importantes como os MDs. Desse modo, baseamo-nos na teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso para desenvolver nosso trabalho.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma teoria que utiliza pressupostos dos estudos funcionalistas e, também, dos estudos cognitivos. Conforme destaca Furtado da Cunha (2007), sob o escopo dessa teoria, discurso e gramática são compreendidos simbioticamente e, por isso, ambos devem ser estudados simultaneamente. Dessa forma, os fenômenos linguísticos são analisados a partir do contexto linguístico a qual está inserido e, também, aos contextos extralinguísticos. Ainda com base nas palavras de Furtado da Cunha (2007), sob a perspectiva da LFCU, discurso é tomado como a construção e a troca intersubjetiva de sentidos em uma dada situação comunicativa, ao passo que gramática é compreendida como conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizados na produção e organização do discurso coerente que exhibe padrões regulares e outros mais alternantes em processo de mudança, motivados por fatores cognitivo-interacionais.

Considerando essa definição de gramática, devemos destacar que a construção é considerada como unidade básica e fundante da gramática, conforme relatam Rosário e Oliveira (2016), e é entendida como o pareamento convencionalizado entre sentido e forma. No processo de instanciação de novas construções, Traugott e Trousdale (2013) destacam três fatores: a esquematicidade, que diz respeito aos níveis de generalização taxonômica, composicionalidade, que diz respeito ao grau de transparência entre os eixos da forma e sentido, e a produtividade, associada diretamente a frequência e repetição das construções.



## METODOLOGIA

Ao considerar a dimensão contextual nos estudos dos fenômenos linguísticos sob a perspectiva da LFCU, e também os fatores de construcionalidade que envolvem a instanciação de novas construções, utilizamos em nossa pesquisa o Método Misto. Conforme defende Cunha Lacerda (2016), este método combina elementos de abordagens quantitativas e qualitativas a fim de aprofundar o conhecimento sobre o objeto de análise.

Em um primeiro movimento, quantificamos os dados encontrados nos *corpora* do PPVC e PCVC, organizados pelo Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – Grupo Janus, a fim de verificar a produtividade dos marcadores discursivos na língua em uso dos falantes culto e popular dos *corpora* analisados e a consequente convencionalização desse grupo de palavras no vernáculo conquistense. Com isso, obtivemos os seguintes dados extraídos de Dantas; Sousa(2021). Destacamos que, devido a diversidade de marcadores discursivos, focalizamos o nosso dado nos MDs de base perceptivo-visual:

1741

Tabela 1: Frequências Type e Token dos MDs

Frequência Type	Frequência Token
Ó	37
Olha	34
Olha só	10
Óia	6
Olhe	4
Ói	1
Viu	1
<b>TOTAL: 7</b>	<b>TOTAL: 93</b>

Fonte: Dantas; Sousa (2021)

Em seguida, lançamos mão de uma análise qualitativa a fim de descrever, de forma, detalhada, as dimensões contextuais envolvidas no uso destes marcadores discursivos.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos dados encontrados na Tabela 1, atestamos uma relevante produtividade dos marcadores discursivos no vernáculo conquistense: (i) a frequência *type*, que diz respeito a instanciações de novas construções, com 7 (sete) variações; e (ii) a frequência *token*, que diz respeito ao uso desses constructos na língua em uso, com 93 (noventa e três) ocorrências.

Conforme aponta Furtado da Cunha (2017), a aferição de frequência de um dado uso fenômeno linguístico é importante, uma vez que atesta o que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto. Dessa forma, após a constatação dessa produtividade no discurso conquistense, interessa-nos problematizar o tema para levá-lo a ocupar o chão da escola.

Propomo-nos, então, a apresentar o fenômeno linguístico em estudo a partir dos capítulos 1 e 2 do livro *Geração Alpha Língua Portuguesa* que versam sobre a variação linguística. Ainda, aproveitamos um trecho da música *Óia eu aqui de novo*, interpretada por Luiz Gonzaga, presente no livro para propor algumas discussões.

Entre as discussões previstas a serem problematizadas em sala de aula, há os questionamentos pertinentes acerca da variação de forma e função do MD *olha*; as alterações no polo de forma e função dos MDs; o processo de gramaticalização desse grupo de palavras na Língua Portuguesa. Ainda, pode ser problematizado a variedade situacional do uso desses MDs, contribuindo, assim, para uma formação plena de um sujeito que se constitui pela linguagem, conforme Bakhtin (2003). A partir dessas discussões, temas sensíveis como o preconceito linguístico podem, também, ser trazidos à tona.

## CONCLUSÕES

Conforme sinalizado, esta pesquisa se encontra em andamento. Os dados iniciais, contudo, apontam para uma produtividade significativa dos marcadores discursivos no vernáculo conquistense, o que nos faz julgar que o tema seja pertinente no espaço escolar.

Destacamos, entretanto, que esperamos propor com esta pesquisa um diálogo entre pesquisas científicas e as aulas do Ensino Básico. Afinal, discutir o fenômeno dos

1742

Realização:



Apoio:





MDs sob o prisma teórico e enxergá-lo como um importante grupo de palavras para o pleno funcionamento linguístico em determinadas situações comunicativas é uma forma de contribuir para erradicar os preconceitos linguísticos vigentes e contribuir para um uso discursivo mais seguro por parte dos falantes. Por fim, a transformação da concepção dos MDs de um “vício de linguagem” para uma classe de palavras bem definida e funcional no discurso é um ato de resistência linguística.

## PALAVRAS-CHAVE

Ensino Básico. Funcionalismo. Marcadores Discursivos.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Said. **Meios de Expressão e Alteração Semântica**. Rio de Janeiro. 1930.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. MARCADORES DISCURSIVOS NÃO SÃO VÍCIOS DE LINGUAGEM!. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 4, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; et al. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos básicos e Categorias Analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Mária Angélica. **Linguística Centrada no Uso**. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]
- PENHAVEL, Eduardo. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?. **Revista (CON)TEXTOS Linguísticos**. Vitória - v.6 n.7. 2012. p.78-98.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela. Funcionalismo e Abordagem Construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo. 60 (2): 233-259. 2016.
- SM EDUCAÇÃO. **Geração Alpha Língua Portuguesa: Ensino Fundamental : anos finais : 6º ano**. São Paulo. 2018.
- TRAUGOTT, Elizabeth Cross; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.